**Título**O desabrochar da felicidade

|  
**Subtítulo**

Aline faz sua prática budista com toda coragem, convicção e alegria, e está transformando a vida junto com a família e os amigos

|

**Por**

Redação

|

**Categoria**

Relato

|  
**Imagens**

20112017-relato-O-desabrochar-da-felicidade.jpg

|

**Legenda**Aline com seus pais, Leonardo e Gisele

|

**Data**|  
**Fonte**Brasil Seikyo, ed. 2.379, 15 jul. 2017, p. A4

|  
**Tags**Relacionamento; família; trabalho; dificuldade financeira; drogas  
|  
**Texto**Aline Martins Mendes; 28 anos, São Paulo, SP; resp. de bloco pela DFJ e integrante do Cerejeira, RM Santana, CNSP  
  
Meus pais, Leonardo e Gisele, tiveram duas filhas, Thaiana e eu [mais nova]. Eles se separaram quando eu estava com 2 anos, e minha irmã e eu passamos a morar com o meu pai. Sofríamos agressões físicas, e voltamos a morar com a minha mãe. Se tornaram raras as vezes que via meu pai.  
Nasci em Maringá, PR, e já morei em Santos, SP, e na capital de São Paulo, para onde retornei ano passado [2016]. Em 2003, com 14 anos, em Maringá ainda, Thaiana e eu sofremos um grave acidente de moto, e ela faleceu. Eu estava na direção, então eu me culpava e achava que nunca mais seria feliz. Para completar, no dia do velório meu avô teve um ataque cardíaco e nove meses depois ele faleceu.  
Entrei no mundo das drogas, brigava com todos e minha mãe me expulsou de casa.  
Tive vários relacionamentos abusivos. Em 2013, iniciei um namoro permeado de ciúme, desconfiança e violência. Vivia com medo, sentia como se tivesse perdido minha identidade.  
Em fevereiro de 2016, duas amigas, Ana e Rose, me chamaram para morar em São Paulo. Passei a morar com a Ana. Ela era budista e me apresentou o budismo, e me incentivou a lançar um desafio de daimoku para ser vitoriosa e assim eu fiz. No segundo dia de prática, já não sentia mais tristeza; no terceiro, fui chamada para uma entrevista de emprego na qual fui aprovada, e com um mês de trabalho fui promovida.  
Comecei a incentivá-la na prática budista. Eu me tornei membro da BSGI em abril de 2016 e após três meses, em julho, ela recebeu seu Gohonzon.  
Meu pai estava em São Paulo, e comecei a procurá-lo. Ouvi dizer que ele usava drogas. Orava para que ele estivesse bem e que nossa vida se encontrasse.  
Recebi uma mensagem no Facebook de um rapaz falando que meu pai estava me procurando e deixou um número de telefone. Consegui reencontrar meu pai, e o ensinei sobre o Nam-myoho-renge-kyo.   
Ele estava a dois dias comendo restos de comida de um restaurante. Fazia daimoku para mudar a situação e sentado em frente a um restaurante ganhou dois vale-refeições de um dinheiro. Ele me ligou dizendo: “Filha, daimoku é maravilhoso. Quero receber meu Gohonzon”. Chorei de alegria. Em janeiro [2017] ele se tornou budista.  
Também naquele mês tive a oportunidade de me mudar para outro local e recebi o Gohonzon no dia 31 de janeiro.  
Em fevereiro, iniciei um emprego que era exatamente como havia determinado.   
Sou afortunada por desenvolver na Soka Gakkai e no meu amado grupo Cerejeira. Tenho muita gratidão ao meu mestre por nos mostrar que é possível transformarmos tudo.  
Estou trilhando o caminho da revolução humana junto com as pessoas ao meu redor, e seis delas receberam o Gohonzon. Lutarei sempre pela felicidade de toda a minha amada família.  
Sou eternamente grata a todos que contribuíram para o despertar da dignidade da minha vida.  
|